



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10830 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

A Arquitetura da Experiência Acadêmica

Pedro Augusto Alves de Inda - UCS - Universidade de Caxias do Sul

A ARQUITETURA DA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Os anos de vivência no ensino superior são marcantes para todos que o conseguem cursar, talvez, porque ao percorrer os caminhos para aprender as habilidades e competências necessárias à sua formação acadêmica, ele precisa vivenciar esse aprendizado, e ao fazer isso, enriquece sua formação integral, pois relaciona o que estuda com o que vive, experimenta emoções únicas.

Ler os livros e fazer as provas não é o que lhe garante esse aprendizado, é o convívio com os colegas e professores, os estudos na biblioteca, os trabalhos em grupo, o caminhar nos corredores, as conversas nos bares, as monitorias, o diretório acadêmico, os estágios profissionais, os intercâmbios e viagens de estudo, os momentos de realização e fracasso, tudo isso faz parte dessa experiência que é cursar o ensino superior.

Assim, por *experiência acadêmica*, inicialmente, pode-se entender como sendo esse conjunto de atividades realizadas, seja nos espaços acadêmicos, seja fora deles.

Para que isso aconteça, primeiro é preciso **que** se vença um momento de adaptação, definido por Alan Coulon como *afiliação*, e que Sampaio (2015:205) nos explica: “podemos pensar na noção de afiliação como um processo contínuo, que se repete ao longo da vida do sujeito, cada vez que se coloca para ele a tarefa de tornar-se membro de um novo grupo, assimilar novas funções e desenvolver habilidades antes desconhecidas”.

Ou seja, o aprendizado do ensino superior é constituído por uma série de fatores que vão muito além da sala de aula e conteúdos ministrados, e todos **esses** precisam, em algum

momento, fazer sentido para o estudante, ele deve conseguir compreender como conseguiu aprender um *todo* maior a partir das *partes* experimentadas, seja nos estudos ou em atividades realizadas e vividas.

Pode-se comparar esse ambiente necessário ao aprendizado como uma *arquitetura* para esse processo aconteça, isso porque a *arquitetura* é quando construímos algo que além de cumprir sua função primordial, acrescenta ao usuário uma experiência única naquele espaço, seja pela beleza, espacialidade, o conforto, visuais, possibilidade de integração de outras funções, por seu *todo* ser maior que a sua soma de suas *partes* e dar um sentido aquele lugar.

Assim, a *experiência acadêmica* só se realiza quando suas *partes* constituintes fazem sentido de *todo* para quem o vivencia, como a *arquitetura* só se concretiza quando sua forma, função, estrutura são intrinsecamente relacionados ao seu entorno, e seu *todo* compreendido pelas suas *partes*. Em ambos casos, se isso acontece, o *todo é maior que a soma das partes* e essa experiência se torna única e memorável.

Desse modo, a *arquitetura da experiência acadêmica* acontece quando se consegue que, independente de como o estudante faça seu percurso pelo ensino superior, ele consiga dar um sentido maior para tudo que viveu.

Este estudo **propõe se** debruçar em como os estudantes constroem, ou não, essa *arquitetura* a partir do conjunto de partes que podem ir montando, e que hoje são oferecidas em escala antes nunca vista, num período em que o ensino superior sofre pressões variadas, desde a exploração como mercadoria pelos investidores privados, o impacto da tecnologia no ensino, às mudanças políticas e sociais que colocam em cheque a antes indiscutível hegemonia das universidades, e suas consequências na legitimidade e na própria instituição. (SOUSA SANTOS, 2004)

Dentro desse cenário, as universidades comunitárias, (ICES) que representam quase 10% das universidades do país, são reconhecidas como um modelo entre as instituições públicas e privadas e se identificam como *instituições públicas não-estatais*, e agrupam as universidades confessionais ou não-confessionais, ou laicas, sem fins lucrativos, e, especificamente, porque as laicas surgiram em lacunas do território não atendidas pelo estado, tomam esse *caráter de pública*, atuando em prol do desenvolvimento regional e da sociedade. (LONGO, 2019:13)

Este conflito entre a natureza de sua origem (privada) e sua atuação (pública), é

suficiente para entender que, no cenário atual, ela *compete no mercado com instituições privadas mercantis* para conseguir sua sustentabilidade econômica e poder prestar seu serviço à sociedade, e a pressão que as IES mercantis fazem concorrendo pelos estudantes nas suas regiões tem imposto dificuldades que não existiam antes da LDB de 1996, principalmente para as comunitárias, que não **têm** o financiamento público nem de grandes grupos societários privados. (BITTAR; OLIVEIRA; MOROSINI, 2008) Soma-se a isso o expressivo aumento da oferta em cursos EAD por grandes grupos educacionais.

Também é importante o impacto do mundo digital no ensino tradicional, que tem obrigado as universidades a se atualizarem e inovarem constantemente. Nesse processo de mudança o ensino desagregado ganha espaço, pois permite maior flexibilidade que o tradicional. (McCOWAN, 2018:472)

Esses três pontos são os que mais impactam no problema de pesquisa, pois essa pressão sobre o ensino superior pode estar fazendo **com** que a experiência acadêmica seja cada vez mais desagregada, e como para ter *legibilidade* é necessário *que as partes sejam compreendidas num todo coerente*, como define Lynch (1999:2), será que os estudantes, nessas condições, conseguem perceber *o todo* de sua formação?

Pois o estudante precisa entender *o todo*, o curso, e as *partes*, sua trajetória, onde ele está em relação ao *todo*, para onde vai e o porquê. Se ele não tem essa visão do *todo* e suas *partes*, ele pode se sentir perdido, podendo ficar desanimado, sem interesse, e inclusive ansioso ou depressivo, pois é um grande esforço que se faz para cursar uma graduação e existe uma expectativa grande da família e sociedade que ele seja bem sucedido nessa sua trajetória.

Compartimentar o conhecimento em disciplinas, organizadas em cursos, departamentos ou áreas de conhecimento e o remontar em currículos, aceitando a lógica analítica que vem do mundo industrial, da *linha de montagem*, sem considerar muitas vezes as visões que vem da filosofia e artes, que sempre articulam a ideia do *todo*, o *sentido*, foi aos poucos construindo um ensino que permite que o *todo* seja apenas o resultado da soma das *partes*.

Mas, até certo momento, os estudantes montavam todas essas *partes* dentro de praticamente uma única instituição, no máximo duas, e muitas vezes a segunda por um intercâmbio, o que dava um *sentido de todo* por seguir basicamente um projeto pedagógico e compor algumas partes de outros.

Esse modelo de construção do conhecimento somado às políticas neoliberais que ganharam força no final do século XX e tendo, curiosamente, forte justificativa nas pedagogias de ensino mais contemporâneas que buscam dar autonomia ao estudante na busca de um cidadão mais reflexivo criaram um *solo fértil* para o que se conhece como o *fenômeno da desagregação*, que permite que se separe as *partes* constituintes do ensino, em todos os seus níveis e escalas, e que na ponta desse fenômeno o estudante pode acessar os pedaços do ensino superior que lhes é ofertado do modo que lhe convier. (McCOWAN, 2018:465)

Desse modo, o *todo* começou a ser desmontado e vendido por *partes* em escala nunca antes vista, permitindo que os estudantes possam comprar as *partes* de instituições diferentes e ir montando sua graduação como melhor se convier.

Ou seja, a desagregação não é prejudicial em si, muito antes pelo contrário, ela existe desde **há** muito tempo e pode ser bem positiva na constituição da autonomia do estudante enriquecendo a *experiência acadêmica*, mas o *fenômeno da desagregação* do ensino superior, que é esta mercantilização do ensino, como produtos em “prateleiras”, precariza o ensino e diminui a possibilidade da *experiência acadêmica*, pois o estudante pode simplesmente ir montando seu curso superior com um conjunto de *partes* desconexas sem a construção de um *todo* coerente.

Isso porque uma minoria de estudantes teriam conhecimentos prévios necessários para já ingressar no ensino superior com maturidade para lidar com essa situação de poder ir montando o *todo* por *partes* num conjunto coerente. De um modo geral, espera-se que ele atinja esse grau de maturidade no ensino superior, não que chegue pronto a ele. E se hoje ele pode ir ingressando e trocando de cursos com muita facilidade, aproveitando as *partes* que cursa aqui e ali, seja por economia, seja por conveniência, como isso poderia afetar seu percurso formativo?

Assim, seja aquele estudante que ingressa e fica numa instituição apenas e vai *matando as cadeiras da grade* para se graduar, seja o que fica de uma IES para outra para fazer o mesmo, “matar as cadeiras”, buscando alguma facilidade ou benefício nesse processo, como eles dão sentido a tudo isso? O ensino, diferente de outros serviços prestados, vem junto com a *experiência do aprender*, então, será que eles serão capazes de aprender, de fato?

Se *não há aprendizado sem emoção*, como nos ensina Paulo Freire (1996), então o ensino precisa vir carregado de sentido, de um *todo* coerente, e, como se pode fazer isso nesse momento que o *fenômeno da desagregação* impacta em todos níveis do ensino superior,

desde a desagregação dos cursos até as estruturas fundamentais da universidade? Como os docentes podem cumprir seu papel de educador, não de *vendedor ou facilitador de disciplinas*, nesse cenário?

Para responder essas perguntas, o trabalho é um *estudo de caso* numa grande ICES do sul do país, método indicado para análises que precisam ~~coletar~~ **construir** numerosos dados para apreender a totalidade de uma situação (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977) como meio estudar objetos sociais preservando o caráter unitário do objeto estudado (GOODE; HATT, 1979:421-2), pois é definido como uma investigação empírica de um fenômeno dentro de contexto social onde o limite entre esses ainda não está definido, e o pesquisador possui pouco controle sobre os eventos estudados, sendo, neste estudo, *um objeto de estudo e múltiplas unidades de análise - único incorporado*. (YIN, 2001:6-32)

É *particular, descritivo, explicativo e indutivo* (WIMMER, 1996:161) e por isso, o pesquisador ser um *sujeito implicado*, que é o caso, auxilia na pesquisa, pois **é** o positivismo limita o pensamento científico ao desassociar a subjetividade inerente entre sujeito e objeto em nome da objetividade da ciência, desconsiderando a necessidade do pensamento crítico do construtor e do construído. (FILHO; NARVAI, 2013:652)

Para tal, iniciou-se uma coleta e análise de dados da ICES no que diz respeito ao impacto do *fenômeno da desagregação* na mobilidade discente, pois a possibilidade de ir trocando de IES impacta diretamente na experiência acadêmica. Consiste em verificar o **que** foi definido como *IIM (Índice Inicial de Mobilidade)*, que é a razão do ingresso no início do curso pelo ingresso por transferência externa, e o *IAM (Índice Ampliado de Mobilidade)*, que é a razão do ingresso no início do curso pela ingresso por transferência e as reopções.

O IIM mostra a mobilidade entre IES verificando o incremento de transferências para se ter noção da escala do *fenômeno da desagregação* mais efetivo, que é poder ir trocando de IES para obter vantagens econômicas, (aproveitando as disciplinas) ou seja, ir montando as *partes* do seu *todo* apenas pelo interesse econômico.

O IAM inclui as reopções dentro da IES verificando mobilidade externa e interna, incluindo estudantes que iniciam o curso mas podem aproveitar disciplinas de conhecimento geral e básico, ou mesmo teor formativo, e mostra o impacto que a desagregação permite para os jovens quando ingressam no ensino superior e ainda estão no processo de *afiliação*, **neste** período de escolha da carreira, e vão trocando de curso até se decidir. Um aspecto mais sócio-cultural do *fenômeno da desagregação* na experiência acadêmica, mesmo que também seja econômico, pois pressiona as ICES **a terem** o máximo de disciplinas compartilhadas e de

formação geral para competir com as IES mercantis.

Com esses dados se poderá avaliar o impacto do *fenômeno da desagregação* na ICES **sob o** ponto de vista da mobilidade no ingresso. O estudo está em andamento e se iniciou uma segunda etapa onde serão utilizados dois instrumentos para avaliação do método, um estudo piloto para depois uma amostragem mais ampla, para identificar como o estudante constrói e percebe sua *experiência acadêmica: o mapa mental do percurso acadêmico e a análise do percurso*.

O *mapa mental* é uma metodologia importada dos estudos da percepção ambiental para identificar que elementos na cidade os seus usuários guardam memória e utilizam efetivamente para compreender a cidade, sua riqueza está em trazer, de qualquer entrevistado, os elementos marcantes no meio urbano, que nas nossas cidades contemporâneas são diversos e muitas vezes desconexos, ou seja, que *partes do todo* conseguem entender. (LYNCH, 1999:161-2) Esse mapa pode nos dar a percepção do estudante dos momentos onde a aprendizagem foi mais efetiva, com experiências marcantes.

Então se procede a *análise de percurso* a partir do estudo de currículo, verificando como o estudante cursou cada disciplina prevista, e outras atividades complementares, identificando se houve o aproveitamento das partes de outras IES e como os estudantes perceberam isso. Assim, se poderá saber como cada conteúdo previsto foi cumprido, e onde o estudante realmente percebeu sua aprendizagem ou experiências marcantes.

Com esses números da escala do impacto e de como é feita e percebida a construção da *experiência acadêmica*, se poderá fazer o aprofundamento necessário para compreender quais *partes* da vida acadêmica impactam mais nos estudantes, identificar padrões que são recorrentes, o que é específico de cada indivíduo nesse percurso, se, como, e quando se constituem um *todo* para eles, e, a partir disso, construir um *instrumento de apoio aos docentes*, principalmente coordenadores de cursos e professores mentores ou envolvidos com atividades de tutorias, para auxiliar os estudantes a construírem uma *Arquitetura da sua Experiência Acadêmica*, mesmo que constituída a partir de *partes* até certo momento desconexas, mas que se pode organizá-las de modo a que fiquem coerentes e façam um sentido de *todo*.

Foram selecionados alguns cursos significativos de cada área do conhecimento para que a amostragem levasse em conta diferentes perfis de estudantes, assim como bacharelados, licenciaturas e tecnólogos, todos presenciais. Cursos EAD precisariam de uma abordagem bem diversa da que se propõe aqui, além de não ser o objetivo da pesquisa.

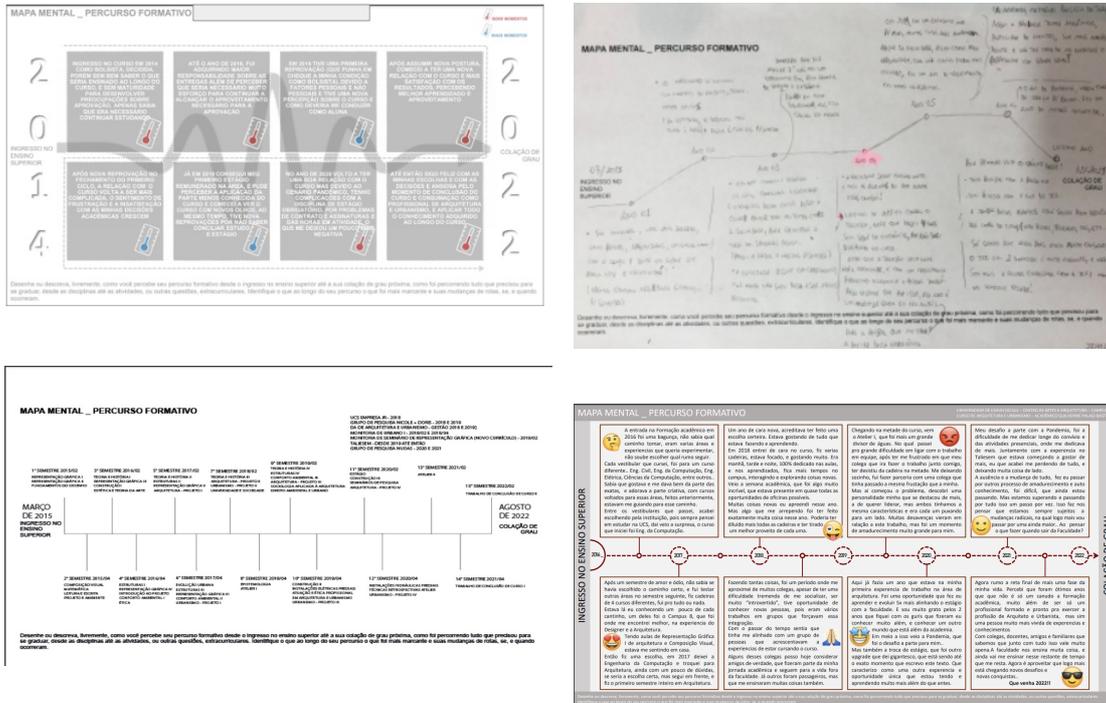


Fig. 2: Exemplo de Mapas Mentais.

Após foi feita a *análise de percurso*, (Fig. 3) onde a partir do estudo de currículo do estudante se verificou o que ele cursou, e quando, se teve aproveitamentos, atividades extracurriculares, e comparando com o mapa mental, foi se identificando os pontos comuns, que indicam padrões onde a vivência foi mais efetiva para a maioria, e pontos específicos, que são das escolhas e dificuldades individuais de cada um.

Com a aplicação desses instrumentos numa amostragem maior poderá se comprovar a adequação **deles** e, então, passar ao objetivo do trabalho, que é a concepção do *instrumento de apoio*.

O estudo parece trazer elementos bem ricos para a discussão da crise que o ensino superior vive, não apenas no Brasil, mas no mundo de um modo geral, pois o *fenômeno da desagregação* é globalizado, então, identificar como os estudantes percebem sua trajetória pode ser um conhecimento útil desde a concepção de projetos pedagógicos, que consigam articular-se melhor com o cenário atual, **a** orientação dos acadêmicos, para que tenham uma vivência mais rica e com sentido de *todo*, para que possam construir a *Arquitetura da sua Experiência Acadêmica*.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior. Desagregação do Ensino Superior. Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

BITTAR, Mariluce ; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília. **Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB**. Brasília, INEP, 2008.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FILHO, Moacir Tavares Martins; NARVAI, Paulo Capel. **O sujeito implicado e a produção do conhecimento científico**. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 646-654 out/dez 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1979.

LONGO, Isaura Maria. **Identidade das Universidades Comunitárias no Contexto das Políticas Educacionais para Ensino Superior**. Itajaí: Programa de Pós-Graduação em

Educação – PPGE, Curso de Doutorado em Educação, UNIVALI, 2019. Tese

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: M. Fontes, 2.ed., 1999.

McCOWAN, Tristan. **A desagregação do ensino superior**. Revista Eletrônica de Educação, v. 12, n. 2, p. 464-482, maio/ago. 2018.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina Gonçalves dos. **Teoria da afiliação: notas para pensar a adaptação de novos públicos ao ensino superior**. Atos de Pesquisa em Educação, Blumenau, v. 10, n.1, p. 202-214, jan./abr. 2015.

SANTOS FILHO, João Ribeiro dos. **Financiamento da educação superior privado-mercantil: incentivos públicos e financeirização de grupos educacionais**. Belém, Programa de Pós-graduação em Educação, UFPA, 2016. Tese.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A Universidade no Séc. XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2ª ed., 2005. Coleção questões na nossa época, vol 120.

WIMMER, Roger D.; DOMINICK, Joseph R. **La investigación científica de los medios de comunicación: una introducción a sus métodos**. Barcelona: Bosch, 1996.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.